

A PONTE PARA TERABÍLIA

Fernando Rafael Nogueira Reis¹

Ana Paula Shimizu Bardichi²

RESUMO

O trabalho com fragmentos do livro *Ponte para Terabília* na sala de aula revelou-se cada vez mais urgente desde 2021, visto que as aulas na escola voltaram para o presencial após dois anos de isolamento social e junto de toda a defasagem escolar e desafios que já assolavam a educação, também veio a violência, bem como a consequência de um ato destrutivo contra a vida: a morte. Este artigo busca tratar brevemente a tese que abordou texto, autora, suas motivações e possível aplicação em sala de aula, com atualização para o cenário que a educação se encontra. O desafio ultrapassa as paredes da sala de aula, e afeta outros ambientes, como o médico. O artigo também cita autoras que já pesquisaram o tema morte em sala de aula e o quanto é desafiador lidar com isto na profissão. A proposta pedagógica é multidisciplinar, visando ao acolhimento, não só dos alunos, como também dos professores, que seguem carentes de um apoio curricular para tratar deste assunto.

Palavras-chave: Morte, educação, violência, *Ponte para Terabília*, sala de aula.

¹Fernando Rafael Nogueira Reis, formado em Licenciatura Letras Inglês pelo Centro Universitário Sumaré, atua como professor de Segunda Língua Estrangeira, intérprete-tradutor nível 2 formado pelo Memorial da América Latina, corretor de provas nível Anglo e é ex-membro do grupo de pesquisa Fio Conductor, pelo qual publicou capítulos de livros pedagógicos, registrados no CNPq. Sob o eixo de formação intergeracional para professores, também publicou artigo em co-autoria para o VII Seminário Web Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 2021.

² Professora do Ensino Superior e especialista em Ensino-Aprendizagem de Idiomas. Toda vida profissional de mais de 25 anos é experienciada na área educacional; formação continuada de docentes; educação inclusiva. Experiência em coordenação de cursos e elaboração de material didático-pedagógico para o ensino superior e para cursos livres de idiomas; elaboradora de provas para concursos públicos. Experiência de 11 anos como professora universitária, e 5 anos como gestora de unidade acadêmica universitária. Entende a docência como elemento transformador do ser humano.

ABSTRACT

Working with sections of book *Bridge to Terabithia* in classroom arose so urgent since 2021, since the classes in school returned to face-to-face after a two-year-seclusion time, besides school discrepancies and challenges that already plagued education, also violence arose, as well as the consequence of a destructive act against life: death. This article seeks to briefly address the thesis that addressed text, author, its motivations and possible application in classroom, with updates for the scenario that education stands. The challenge goes beyond the walls of classrooms, and affects other environments, such as the medical field. The article also cites authors who have already researched the topic of death in the classroom and how challenging it is to deal with this in the profession. The pedagogical proposal is multidisciplinary, aiming at welcoming not only the students, but also the teachers, who still lack curricular support to deal with this subject.

Keywords: Death, education, violence, *Bridge to Terabithia*, classroom.

INTRODUÇÃO

A Ponte para Terabítia, originalmente publicado em língua inglesa, no ano de 1977, acompanha a jornada de vida de Jess Aarons, um recluso garoto de 10 anos com alta inteligência espacial.

Mesmo com todo este potencial, o protagonista é uma criança socialmente carente, inclusive no âmbito doméstico; é protagonista no trabalho infantil em ambiente rural e o único filho homem em meio a quatro irmãs (duas mais velhas e duas mais novas), responsabilizado por tarefas braçais como o ordenhar da vaca Bessie. Há um distanciamento, uma certa negligência afetiva dos adultos responsáveis por Jess, que parecem voltar seus esforços, atenções e energias para suas irmãs caçulas.

Buscando validação e ascensão social, inviáveis se dispusesse apenas dos recursos de sua casa, Jess volta-se para a escola: preparando-se durante todo o verão para a grande corrida da quinta série, a criança almeja o reconhecimento e olhar de seu pai com sua vitória. Porém, as coisas não ocorrem da maneira esperada e Jess acaba perdendo a corrida para a novata e enigmática Leslie Burke.

Apesar de todos os sentimentos negativos que vieram da derrota, especialmente para uma garota, Leslie abre seus olhos e mente de maneira marcante, trazendo todo o seu embasamento literário de modo apenas a acrescentar no cotidiano de Jess. É por meio de todo o choque cultural e social de uma jovem moça oriunda de um local com mais recursos, que percebemos uma mudança significativa na visão de mundo do protagonista, que se vê questionando até a própria fé, apesar do livro não contemplar oitenta páginas no original, encontra oportunidade para semear questionamentos pertinentes.

Com o desenvolver da trama e sob a passagem das páginas, uma audiência sensível e sensata (mesmo na adaptação cinematográfica) percebe uma miríade de situações em que se

exercita a imagética; através da imaginação infantil, apoiada na literatura do gênero de fantasia, a realidade enfadonha e acinzentada do protagonista é colorida com um reino onde Leslie era Rainha e Jess o seu Rei. O narrador onisciente nos leva a acompanhar a dificuldade de compreender o mundo pela ótica de Jess, enquanto a facilidade de falar de maneira régia parece ser nada menos que natural para Leslie, cuja fala se desenvolve no reino que eles chamaram Terabítia.

O desenvolver da imaculada criatividade de Jess Aarons, por meio da cirúrgica intimidade de Paterson com o cenário, por sua própria perda pessoal, ajuda a compreender o assunto mais fatal que se faz presente em nossas vidas: a morte. É no acidente, fora de foco, que se interrompe de forma quase aleatória a vida da deuteragonista Leslie. Encerra-se a história com o protagonista ainda trabalhando o luto de maneira respeitosa e responsável, honrando sua memória e mantendo vivo o reino de Terabítia, ao levar sua irmã caçula para o outro lado da ponte.

É ao não se envergonhar da morte de um personagem importante e tão central para a trama e trabalhar sua perda por mais do que uma cena isolada de velório que o Ponte para Terabítia equipa o docente com um possível recurso didático para os jovens, hoje tão alheios ao valor e peso da vida. Através de uma leveza natural, diálogos realistas que qualquer criança curiosa teria ao questionar uma outra que não vai a igreja como ela, ou seu irmão mais velho que está repetindo refeição sem nem parecer pensar em sua finada amiga, existem diversas possíveis pontes para unir escola, família e aluno.

Como mencionado anteriormente, há motivos pessoais para a autora ter se derramado sobre a morte e sair de literaturas mais voltadas ao ensino religioso infanto-juvenil. Entre os anos de 1974 a 1976, após o diagnóstico de câncer e o óbito de Lisa Hill, amiga de David Paterson, seu filho, através de um acidente meteorológico, Katherine Paterson teve que se reinventar para trabalhar um luto que também era seu e foi com esta realização de que os adultos

nem sempre estão preparados para lidar com a morte que ocorreu-lhe a célebre máxima de Mark Twain, conforme consta no livro *The Adventures of Tom Sawyer and Adventures of Huckleberry Finn* (As Aventuras de Tom Sawyer e As Aventuras de Huckleberry Finn): “*Write what you know*”. E o que Katherine Paterson sabia era sobre a vida rural, sobre a perda inesperada, sobre religião, sobre infância, sobre ter uma criança não reconhecendo seus sentimentos, com adultos confusos e por vezes compartilhando que já tiveram seus encontros com a morte. Confortando a si mesma e a seu filho, a autora conta em entrevistas que seu luto foi trabalhado de maneira artística, através da literatura, habilidade que já lhe vinha com certa naturalidade, trazendo significado e significância para a morte, honrando a vida e existência Lisa Hill, visto que revivê-la não era possível.

A Ponte para Terabítia foi bastante aclamada, trazendo um microcosmo do que a América do Norte e até a vida é: um caldeirão de muitas pessoas e culturas diferentes se unindo sob uma mesma região, contexto e situação. A história é fundada no esforço de criar pontes entre diferentes perspectivas, começando no choque cultural de Jess com Leslie e culminando no legado de manter o reino de Terabítia existindo.

Porém, toda literatura inovadora pode ser considerada subversiva e suas perturbações do *status-quo* podem ocasionar censura. A Ponte para Terabítia também passou por isto em determinadas cidades e colégios dos Estados Unidos, algumas a saber com os anos entre parênteses: *Nebraska* (1986); *Burlington, Connecticut* (1990); *Apple Valley, California* (1992); *Oskaloosa, Kansas* (1993); *Medway, Maine* (1995). Parte da justificativa veio através de termos vagos como “uso de linguagem vulgar e profana”, possivelmente atribuído ao ocasional uso de Jess do termo “*Lord*” no decorrer da trama, e também supostamente por servirem de exemplo negativo aos alunos ao retratar uma visão negativa sobre a vida, durante a narrativa.

Mesmo com esta resistência a tratar de algo que só veio se tornando mais presente na vida das crianças, Katherine Paterson foi premiada em 1978 com a medalha de *Newbery*

(prêmio anual concedido pela *Association for Library Service to Children* a autores de maior contribuição para a literatura infantil americana) e posteriormente a este marco, o livro recebeu duas adaptações cinematográficas de sua narrativa, nos anos de 1985 e 2007, a mais recente feita pelo famoso estúdio Disney em parceria com o filho da autora, David Paterson.

Como proposta pedagógica, é importante considerar e respeitar o atraso causado pela pandemia. Sendo assim, a proposta interdisciplinar contemplaria as três matérias de línguas: Português, Inglês e Espanhol, visto que o livro existe nestes três idiomas. O ano seria o último do Ensino Fundamental II, o 9º, onde os alunos poderiam ler tanto o capítulo “Não” do livro, onde temos a fatal revelação do falecimento de Leslie, ou o texto em sua íntegra. O importante mesmo é fazer uma ponte com os alunos e professores, de modo a dar oportunidade de vazão aos sentimentos e percepções em ebulição, seja por falta de uma base sólida ou da forte influência das redes sociais ainda sem regulamentação no momento da produção deste artigo e permitir que os alunos se expressem sobre a morte. Através do teatro, os alunos poderiam encenar trechos do livro ou sua própria interpretação do luto e com um uso positivo da tecnologia, a instituição de ensino providencia meios para registrar a atividade substituidora de prova tradicional escrita. Tanto se rompe com as dissertações e redações tradicionais que excluem e constroem os neurodivergentes, como também se exercita a expressão artística, acolhendo toda a pluralidade humana de maneira responsável, cumprindo a função social da escola, feita por professores, que é a de formar cidadãos. Por ser apenas no máximo um período bimestral que seria ocupado da grade, não haveria desacerto com a proposta de preparar os alunos para avaliações que possuem redação como o ENEM, pelo contrário: ao convidar as turmas para o exercício em palco, instiga-se o senso crítico que é necessário para compreender as propostas sempre pertinentes dos vestibulares e seus preparatórios.

É relevante elucidar que já houve tentativas de trazer o tema morte para a sala de aula. Em sua defesa de pós em Educação Infantil, intitulada “O que a Literatura Infantil nos revela

sobre a Morte”, a autora Sônia Maria Marmitt Zambeli reforça a importância da literatura infantil como ferramenta didática para tratar de assuntos delicados com os alunos, registra possíveis abordagens para a sala de aula e também comenta sobre uma de suas primeiras e traumáticas experiências pedagógicas, envolvendo a produção textual dos alunos, a palavra viúva, o ensino particular e religioso, a saber:

“No outro dia fui chamada na direção – era uma instituição de ensino particular de vocação religiosa católica – para prestar esclarecimentos. Na sala se encontrava o avô, que não havia morrido, a avó chorando pela morte do avô e a mãe da menina. Foi traumatizante, quase fui demitida, nunca mais escrevi a palavra viúva num quadro de giz.” (pg. 9)

A Ponte para Terabítia foi inovadora ao tratar da morte infantil e do luto que sucede a fatalidade, criando oportunidade para outros livros serem publicados, citados por Zambeli em sua defesa, como: “Esperando Mamãe”, de Lee Tae Jun (2012); “Se um dia eu for embora”, de Anna Göbel (2008); “Vó Nana”, de Margaret Wild (2017); “Contos de Morte morrida”, de Ernani Ssó (2007). É notável que são livros contemporâneos, recentes, dando oportunidade para revisitar o cânone literário apresentado em sala.

Outro ponto relevante é que o docente não está só na dificuldade de tratar da morte; a médica especialista em cuidados paliativos e escritora, Ana Claudia Quintana Arantes, registrou em seu livro “A morte é um dia que vale a pena viver” um recorte de sua carreira na área da saúde, bem como os desafios de encontrar uma editora que aceitasse publicá-la, tanto pelo tema quanto título escolhidos. Há a possibilidade de inferir que as consequências de uma formação defasada, onde não se trata de assuntos com significado e significância para a vida, como a própria morte, refletem no ambiente profissional, levando ao despreparo do trabalhador, exemplificado no seguinte trecho:

“Mas, para esse alívio físico acontecer, precisaremos de médicos que saibam cuidar disso. Porque não dá só para pegar na mão. Não dá só para sofrer junto e rezar. Serão necessárias intervenções bastante claras e específicas para aliviar o sofrimento físico, que envolvem muito conhecimento técnico sobre o controle de sintomas. E esse conhecimento falta em praticamente todas as faculdades de medicina do nosso país.” (pg. 40)

O autor acredita que, uma vez normalizado o assunto morte, na sala de aula, os alunos darão o devido peso e valor para a vida, sendo possível uma vida em sociedade mais saudável, sem tantas ocorrências e recorrências à violência, como tem sido. Afinal, as crianças levam o que aprendem na sala para casa e vice-versa, por isto se faz necessário um relacionamento saudável de professor, instituição e domicílio. É através da união e não da inimizade, da narrativa divisora, que é possível encontrar um futuro com menos tragédias.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. – A morte é um dia que vale a pena viver: E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. 1º. ed. São Paulo. Editora Sextante, 2019.

Brasil está entre os países com mais alunos por turma. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/4475/brasil-esta-entre-os-paises-com-mais-alunos-por-turma>> Acesso em 24 de out. de 2021.

DERMEVAL, Saviani. – Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Rev. Bras. Educ. 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?lang=pt>> Acesso em 25 de abr. de 2021.

Jess Aarons | Heroes Wiki | Fandom. Disponível em:

<https://hero.fandom.com/wiki/Jess_Aarons> Acesso em 10 de mai. de 2023.

Leslie Burke | Heroes Wiki | Fandom. Disponível em:

<https://hero.fandom.com/wiki/Leslie_Burke> Acesso em 10 de mai. de 2023.

Oliveira, Dione Lorenzoni de. O papel da escola na formação do cidadão: a construção da cidadania. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13187>> Acesso em 25 de nov. de 2021.

PINTO, Ana. Maior número de alunos por sala é desafio para aulas presenciais no Brasil.

Disponível em: <<https://amazonasatual.com.br/maior-numero-de-alunos-por-sala-e-desafio-para-aulas-presenciais-no-brasil/>> Acesso em 24 de out. de 2021.

Quote by Mark Twain: “Write what you know.” Disponível em:

<<https://www.goodreads.com/quotes/55868-write-what-you-know>> Acesso em 11 de mai. de 2023.

RICHTER, Marcos Gustavo. – O material didático no ensino de línguas. Rev. L&C, 2005.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28543/16099>> Acesso em 25 de abr. de 2021.

ZAMBELI, Sônia Maria Marmitt. – O que a Literatura Infantil nos revela sobre a Morte.

Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115962/000965150.pdf>>
Acesso em 11 de out. de 2021.